



Foto: Sean+Seng

## NADIFA MOHAMED

nasceu em Hargeisa, Somália, em 1981, e foi educada no Reino Unido. Estudou história e política no St. Hilda's College, Oxford. Atualmente, ela mora em Londres. **Menino Mamba-Negra** foi publicado originalmente em 2010.

## Áden, Iêmen, 1935.

Uma cidade vibrante, viva, cheia de perigos ocultos. E lar de Jama, um garoto de dez anos que se vê sozinho no mundo após a morte inesperada de sua mãe.

Para chegar à Somália, terra natal de seus ancestrais nômades, o menino cruza o Mar Vermelho. A guerra está no horizonte e as forças fascistas italianas que controlam partes da África Oriental estão se preparando para a batalha, mas Jama não pode descansar até descobrir se o pai, ausente de sua vida desde que ele era bebê, está vivo em algum lugar.

Assim começa uma jornada épica que levará Jama ao norte através de Djibouti, Eritreia e Sudão, países devastados pela guerra, até chegar ao Egito. De lá, a bordo de um navio transportando refugiados judeus recém-libertos dos campos de concentração, o garoto segue através dos mares para a Grã-Bretanha.

Esta história da longa caminhada de um garoto em busca de liberdade também é a história de como a Segunda Guerra Mundial afetou a África e seus povos; uma história sobre sentir-se deslocado e, no fim, encontrar-se novamente.

TORBSILHAS

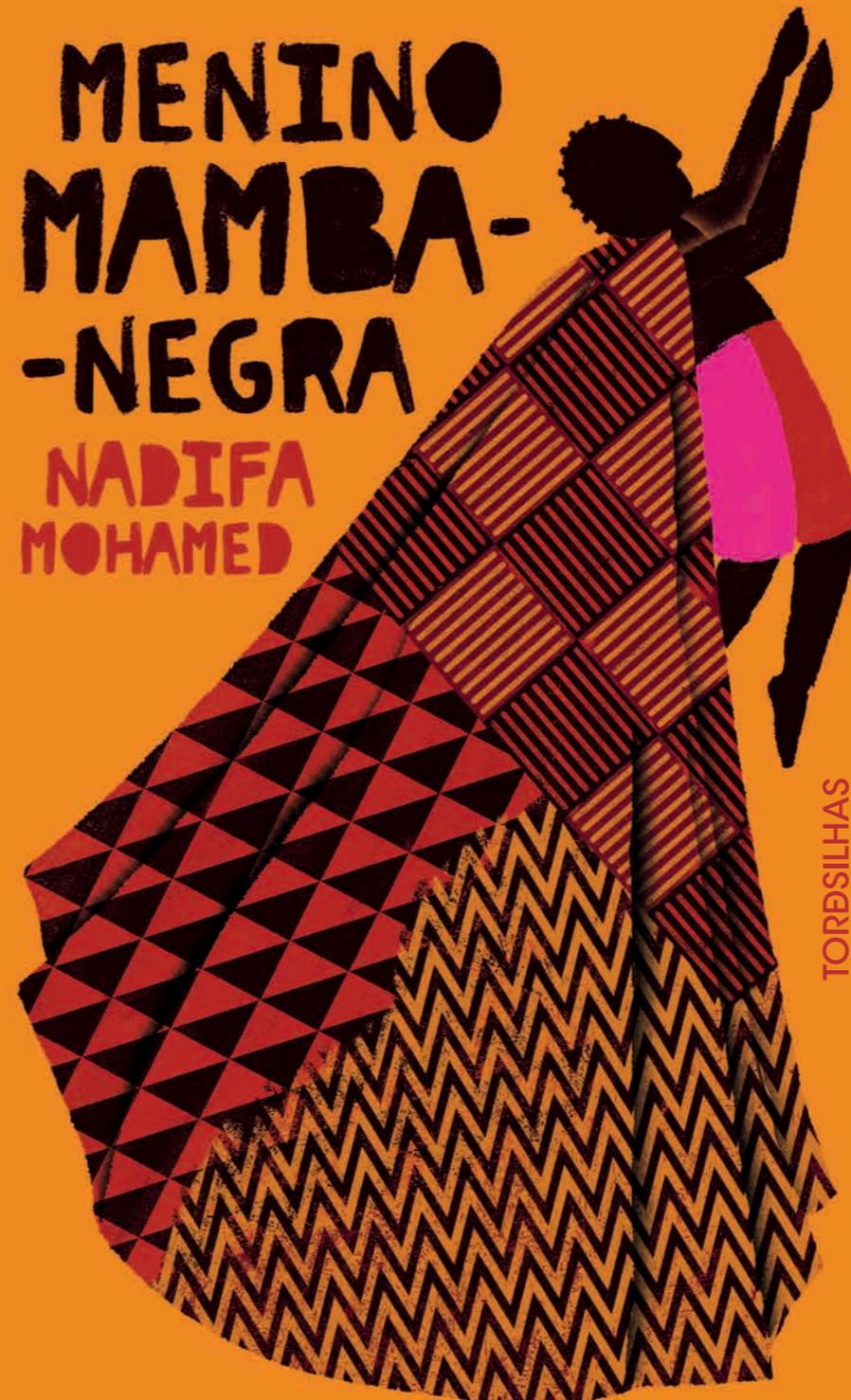
978 65 5568 018 8



MENINO MAMBA-NEGRA NADIFA MOHAMED TORBSILHAS

# MENINO MAMBA- -NEGRA

NADIFA  
MOHAMED



TORBSILHAS

Quando estava grávida de você, fiquei incrivelmente grande, meu estômago foi para a frente de um jeito que não acreditaria. As pessoas me avisavam que uma moça jovem de dezessete anos morreria ao dar à luz uma criança assim, que você ia me rasgar por dentro, mas eu estava feliz, em paz. Sabia que estava esperando alguém especial. Seguir camelos por aí é um trabalho terrível, e fui ficando cada vez mais lenta. Sempre me separava da grande caravana de meu pai e seguia mancando, com meus tornozelos inchados, até alcançar a família. Lá para o oitavo mês estava tão exausta que precisei parar, mesmo tendo perdido o último camelo de vista. Havia uma antiga acácia na savana chamada Gumburaha Banka, e me sentei debaixo da velha árvore para descansar na pouca sombra que ela fazia. Sentei e ouvi minha respiração pesada subir e descer, subir e descer; estava usando um *guntiino* de nômade e a lateral da minha barriga estava exposta ao sol e à brisa. Então subitamente senti uma mão macia acariciar minhas costas e se mover em direção ao meu umbigo, olhei em choque e *hoogayeh!* Não era uma mão, mas uma mamba enorme, enrolada em torno da minha barriga. Tive medo de que o corpo pesado dela fosse esmagar você, então não me mexi nem um centímetro, mas ela parou e colocou a cara sábia do demônio em você e escutou a batida abafada de seu coração. Nós três ficamos unidos daquele jeito pelo que pareceu uma vida, até que, decidindo algo, a cobra flexionou os tendões e desceu pelo meu corpo, massageando meu útero com a barriga macia até desaparecer na areia com uma batida do rabo. Quis batizá-lo de Goode, que quer dizer mamba-negra.

**MENINO  
MAMBA-  
-NEGRA**



**MENINO  
MAMBA-  
-NEGRA  
NADIFA  
MOHAMED**

Tradução  
Marina Della Valle

**TORDESILHAS**

Copyright © 2021 Tordesilhas  
Copyright © 2010 Nadifa Mohamed

Título original: *Black Mamba Boy*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora. O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 10 de janeiro de 2009.

PREPARAÇÃO Isa Prospero  
REVISÃO Laura Folgueira, Carolina Forin e Cintia Oliveira  
PROJETO GRÁFICO Amanda Cestaro  
CAPA Leticia Quintilhano

1ª edição, 2021 / 2ª edição, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mohamed, Nadifa  
Menino mamba-negra / Nadifa Mohamed ; tradução Marina Della Valle. – 2. ed. – São Paulo :  
Tordesilhas, 2022.

Título original: Black mamba boy  
ISBN 978-65-5568-018-8

1. Ficção inglesa - Escritores africanos I. Título.

21-73275

CDD-823

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura africana em inglês 823  
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

2022

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.  
Avenida Paulista, 1337, conjunto 11  
01311-200 – São Paulo – SP  
[www.tordesilhaslivros.com.br](http://www.tordesilhaslivros.com.br)  
[blog.tordesilhaslivros.com.br](http://blog.tordesilhaslivros.com.br)

*Para Nadiifo, Daxabo, Axmed, Xasan,  
Shidane e todos os outros que perdemos.*



Agora partes e, embora teu caminho  
Possa cruzar florestas densas cheias de mirra,  
Locais tomados pelo calor, secos e abafados,  
Onde é difícil respirar, e brisa fresca não chega –  
Deus ainda pode colocar um escudo do ar mais gelado  
Entre teu corpo e o sol agressor.

*Gabay*, de Maxamed Cabdula Xasan

Ó trupe de pequenos errantes de toda parte,  
Deixa teu rastro em minhas palavras.

De *Pássaros perdidos*, de Rabindranath Tagore



## LONDRES, INGLATERRA, AGOSTO DE 2008

Nuvens escuras se juntam no céu do crepúsculo; a Lua e o Sol se admiram, mas meus olhos estão nele. Os olhos grandes demais empoleirados no nariz bulboso, a luz bruxuleante azul e branca da televisão dançando nas lentes, *ma'awis* levantado até os joelhos. Ver seus joelhos curvando-se sob o peso do corpo magro me machuca, mas respeito esses joelhos por atravessarem continentes, vadearem o Mar Vermelho. Cantarei a canção desses joelhos.

Sou o griô de meu pai, este é um hino a ele. Conto a você esta história para poder transformar o sangue e os ossos de meu pai – e seja qual for a mágica que a mãe dele costurou debaixo de sua pele – em história. Para transformá-lo em herói; não do tipo lutador ou romântico, mas do real, a criança faminta que sobrevive a cada pedra ou flechada que a sorte desavergonhada joga contra ela e que agora pode sentar-se e contar as histórias de todos os que não conseguiram. Conto a você esta história porque ninguém mais vai contar. Chamemos os espíritos dos nove mil meninos que tolamente lutaram nas montanhas da Eritreia por Mussolini, que eram parecidos com meu pai, viveram como ele, mas tiveram suas vidas interrompidas por machados sem fio, os que morreram de fome, os que ficaram loucos e os que simplesmente desapareceram. Meninos como Shidane Boqor. Nosso menino enérgico!

Nosso surrupiadador de enlatados! Nossa criança morta! Acendam as tochas para seu voo até o céu. Que sua sombra eternamente assombre seus algozes. Que eles se banhem por toda a eternidade no Shebelle e Juba antes que seus pecados sejam lavados.

A vida de meu pai consistiu num tipo estranho de liberdade; se ele fosse mais esperto que a morte, então sua vida seria completamente, perfeitamente sua, sem nenhum débito com nada ou ninguém. Como a mãe antes dele, afiou o espírito no fio da faca da solidão; estilitas em seus pilares, viam solidão, solitude, como estados divinos. A mãe de todos os marinheiros deve ser o mar, mas Ambaro era mais poderosa, mais tempestuosa, mais doadora de vida do que qualquer poça de água. Ela deu vida nova a meu pai repetidamente, protegendo-o como Vênus protegeu Eneias. Pegou a vidinha parca dele e a transformou em algo épico. Seu amor era violento, lava espessa que derramou na boca do filho; ela cortou suas veias e fez a transfusão de seu sangue quente e selvagem para a alma dele. Era tudo de que ele precisava na vida, e ele permanece aqui como testemunha do que o amor de uma mãe pode fazer – transforma cera em ouro.

Meu pai é um velho lobo do mar que navegou para a liberdade em um navio-prisão. Jama com seus argonautas somalis, que se lembra de cada um de seus navios como as pessoas se lembram de amores perdidos. A vida de marinheiro era ideal para ele; onde quer que estivesse no mundo, seu leviatã de aço soava sua buzina e o chamava de volta para sua cabine. Mesmo hoje, gravuras oscilantes de galeões surfam suas paredes enquanto assistimos às explorações de Simbad, o Marujo. Quando criança, eu mergulhava as mãos em uma caixa de charutos King Edward cheia de moedas, algumas antigas, algumas estranhas, algumas de países como o nosso, que não existem

mais. Em outra caixa, ficavam abotoaduras com pedras de vidro que eu tomava por rubis, esmeraldas, safiras, e cobiçava de todo coração; seu baú do tesouro dourado enterrado debaixo de mapas e certificados. Ele desfiava para mim velhas tramas do mar cheirando a marésia: “Veja bem, eu estava sendo perseguido por gângsteres zulus, eles se chamavam de tsotsis. Corri pelo cais de Durban na calada da noite com eles bem atrás de mim, desesperados para me roubar e cortar minha garganta, meu coração fazia BUM BUM, quando um policial chegou e atirou neles. Quando o navio chegou a Veneza, comprei uma pistola de cabo de marfim para nossa próxima viagem à África do Sul”.

Há muito tempo, com a boca tomada por um aparelho desajeitado, eu deixava meu pai me pegar pela mão e me levar para longas caminhadas sem propósito. Normalmente terminávamos no Richmond Park, sentados entre os troncos quebrados de carvalhos, olmos e pilriteiros arrancados pela grande tempestade de 1987. Usando parcas iguais, víamos morcegos voarem desajeitadamente entre cantos e fendas e ouvíamos os periquitos somalis selvagens que se escondiam no parque, cantando “*Maalin wanaagsan, Maalin wanaagsan*, bom dia”. Com pássaros africanos fugitivos tagarelando acima de nós, e o veado ruivo e o gamo escondidos na grama alta, quase poderíamos estar no Serengeti ou de volta a Miyi. Meu pai falava da Eritreia, de Áden e dos sinos de camelo com que brincava quando criança no deserto somali. Eu esperava emburrada até que ele terminasse; o que podia imaginar da vida dele como criança-soldado ou menino de rua em Áden quando não tinha permissão para ir à venda da esquina sozinha? Com um suspiro distante, meu velho pai Tempo se aquietava novamente, e eu dizia a ele o que se passava pela minha cabeça, talvez um novo par de tênis ou uma jaqueta acolchoada.

Eu queria ser um *ragamuffin*, sem saber que meu pai era o maior *ragamuffin*, vagabundo, *Buffalo Soldier*\* de todos.

E à nossa volta os outros vagabundos ainda chegam. Debaixo de carretas, clandestinos em botes, caindo do céu de grandes aviões. Até velhas avós empacotam as malas e começam o *tahrib*. Os homens sortudos como meu pai, que deixaram pegadas na areia cinquenta, sessenta anos atrás, são os profetas que lideraram os israelitas para fora do deserto. Seja lá o que diga o faraó, eles não serão presos, não serão escravizados e transformarão o mundo todo em sua terra prometida.

---

\* Soldado Búfalo. Citação da música “Buffalo Soldier”, de Bob Marley, e apelido dado aos soldados negros dos Estados Unidos. (N. T.)

## ÁDEN, IÊMEN, OUTUBRO DE 1935

O chamado do muezim despertou Jama de seu sonho; ele se levantou para olhar o Sol subir sobre as mesquitas de cúpula de bolo e os apartamentos de pão de gengibre de Áden brilhando nas pontas com glacê branco. Silhuetas negras de pássaros faziam voltas no alto do céu escuro, dançando em torno das poucas estrelas remanescentes e da Lua bem cheia. Os planetas negros dos olhos de Jama vagavam sobre Áden, o apinhado e industrial Steamer Point, a velha cidade de arenito de Crater, seus prédios curvilíneos e pardos mesclando-se aos vulcões Shum Shum, aos distritos de Ma'alla e Sheik Usman, brancos e modernos, entre as colinas e o mar. Fumaça de madeira e o choro de bebês se erguiam devagar enquanto as mulheres davam uma pausa no preparo do café da manhã para fazer as preces do amanhecer, sem precisar das exortações do velho muezim. Um ninho de abutre circundava o antigo minarete, os galhos quebrados enfeitados de lixo, o ninho corrompendo a vizinhança com seu fedor de carniça. A mãe atenciosa dava bocados podres aos filhotes frágeis, as asas musculares descansando ao seu lado. A própria mãe de Jama, Ambaro, estava ao lado da beira do telhado, cantando suavemente em sua voz profunda e melodiosa. Ela cantava antes e depois de trabalhar, não por estar feliz, mas porque as canções

escapavam de sua boca, a alma jovem vagando fora do corpo para tomar fôlego antes de ser arrastada de volta à labuta.

Ambaro chacoalhou os fantasmas do cabelo e começou o solilóquio matinal.

— Algumas pessoas não sabem como dá trabalho alimentar seus buchos ingratos, acham que são algum tipo de *suldaan* que pode ficar à toa sem se preocupar com nada, cabeça cheia de lixo, só serve pra correr por aí com lixo. Bem, por cima do meu cadáver. Não trituro a minha coluna até virar pó para sentar e ver moleques de bundas imundas rolarem por aí de costas.

Aqueles poemas de desdém, aqueles *gabays* de insatisfação, cumprimentavam Jama todas as manhãs. Incríveis fluxos sinuosos de agressão saíam da boca da mãe, varrendo os *mukhadim* na fábrica, o filho, parentes havia muito perdidos, inimigos, homens, mulheres, somalis, árabes, indianos, para um buraco de danação.

— Levante, menino estúpido, acha que essa é a casa de seu pai? Levante, tonto! Preciso ir para o trabalho.

Jama continuava deitado de costas, brincando com o umbigo.

— Pare com isso, menino sujo, vai fazer um buraco nele.

Ambaro tirou uma de suas sandálias de couro partidas e foi para cima dele. Jama tentou fugir, mas a mãe se jogou e o atacou com golpes ardidos.

— Levante! Tenho que andar quilômetros até o trabalho, e você faz frescura pra levantar, é isso? — ela enfureceu-se. — Vá, então, suma, seu inútil.

Jama culpava Áden por deixar a mãe tão brava. Ele queria voltar para Hargeisa, onde o pai conseguia acalmá-la com canções de amor. Era sempre no amanhecer que Jama sentia falta do pai; todas as suas memórias eram mais nítidas na luz da manhã: o riso do pai, canções em torno da fogueira e mãos macias, de dedos longos, envolvendo as suas. Jama não tinha certeza se eram lembranças

reais ou apenas sonhos que se infiltravam na vida desperta, mas estimava aquelas imagens e torcia para que não desaparecessem com o tempo. Lembrava-se de atravessar o deserto sobre ombros fortes, olhando o mundo como um príncipe, mas o rosto do pai já se perdera para ele, escondido atrás de nuvens teimosas.

Pelos degraus em espiral, vinha o cheiro de *anjero*; os Islaweyne tomavam café da manhã. ZamZam, uma adolescente feia, costumava levar os restos das refeições para Jama. Ele as aceitou por um tempo até que ouviu os meninos da família o chamarem de “*haashishki*”, lata de lixo. Os Islaweyne eram parentes distantes, membros do clã da família da mãe a quem o meio-irmão de Ambaro pediu que a recebessem quando ela chegasse a Áden. Eles fizeram como prometeram, mas logo ficou claro que esperavam que a prima do campo fosse criada deles; cozinhando, limpando e dando à família a aparência de requinte. Em uma semana, Ambaro havia encontrado trabalho em uma fábrica de café, tirando dos Islaweyne seu novo símbolo de status e desencadeando o ressentimento da família. Ambaro era obrigada a dormir no telhado e não tinha permissão para comer com eles a não ser que o sr. Islaweyne e a esposa tivessem convidados, aí tudo era sorrisos e generosidade de família: “Ah, Ambaro, o que quer dizer com ‘posso’? O que é nosso é seu, irmã!”.

Quando Ambaro economizou o suficiente para trazer o filho de seis anos para Áden, a sra. Islaweyne ficou furiosa com a inconveniência e deu um espetáculo ao examiná-lo, procurando doenças que pudessem infectar suas crianças preciosas. Suas pulseiras de ouro tilintaram enquanto checava se havia lêndeas, pulgas, doenças de pele; ela desavergonhadamente levantou o *ma’awis* dele para ver se tinha vermes. Mesmo depois que Jama passou em seu exame médico, ela o encarava quando ele brincava com os filhos dela e sussurrava a eles para não se tornarem muito familiares com

aquele menino de lugar nenhum. Cinco anos depois, Ambaro e Jama ainda viviam como fantasmas no telhado, deixando tão poucos traços de existência quanto possível. A não ser pelas roupas cuidadosamente empilhadas que Ambaro lavava e Jama estendia para secar, eram raramente vistos ou ouvidos pela família.

Ambaro saía para a fábrica de café ao amanhecer e não voltava até estar escuro, deixando Jama para andar pela casa dos Islaweyne sentindo-se indesejado ou ficar nas ruas com os meninos do mercado. Lá fora, o céu havia clareado para um azul-turquesa aquoso. Os homens somalis que dormiam ao lado da estrada começaram a se levantar, os afros cheios de areia, enquanto os árabes andavam de mãos dadas em direção ao *suq*. Jama seguiu um grupo de iemenitas usando grandes turbantes com fios dourados e belas adagas de cabo de marfim nos cintos. Passou as mãos pelos flancos mornos dos camelos sendo levados para o mercado; os cílios extravagantes dos animais bateram em agradecimento por seu toque gentil e, quando o ultrapassaram, suas caudas balançantes deram adeus. Homens e meninos passavam levando vegetais, frutas, pães e carnes, em sacolas, nas mãos, nas cabeças, indo e voltando do mercado, pão ázimo crocante debaixo dos braços como jornais recém-saídos dos prelos. Borboletas dançavam, desfrutando do voo da manhã antes que o dia ficasse insuportavelmente quente e elas fossem dormir dentro de botões grudentos. O cheiro de arreios de couro úmidos de suor humano, de incenso que permanecia na pele desde a noite anterior, enchia as narinas de Jama. Encostando-se na parede quente, Jama fechou os olhos e imaginou enrodilhar-se no colo da mãe, sentindo as reverberações de suas canções conforme elas borbulhavam das profundezas do corpo dela. Sentiu alguém de pé sobre ele. Uma mão pequena esfregou o topo de sua cabeça, e ele abriu os olhos para ver Abdi e Shidane sorrindo para ele. Abdi era o tio de nove anos com janela nos dentes do gângster de onze anos Shidane. Abdi estendeu um pedaço de pão e Jama o engoliu.

A lava negra dos vulcões Shum Shum assomava sobre eles quando chegaram à praia. Meninos do mercado dos mais diferentes tons, credos e línguas se reuniam na praia para brincar, tomar banho e lutar. Eram um conjunto de doenças infecciosas, membros estropiados e deformidades. Jama gritou “*Shalom!*” para Abraham, um menino judeu mirrado que vendia flores de porta em porta com ele; Abraham acenou e correu para saltar na água. O cabelo loiro por falta de nutrição de Shidane parecia transparente à luz do sol, e a cabeça de Abdi balançava de um lado para outro, grande demais para seu corpo pequeno, enquanto ele corria para a arrebentação. Abdi e Shidane eram dois ouriços-do-mar perfeitos, que passavam o dia mergulhando atrás de moedas. Jama queria que eles o levassem para o mar, então reuniu tábuas de madeira na praia e chamou a atenção dos meninos *gali gali*.

— Vão achar cordão, assim podemos ir para o mar — ordenou.

Sentou-se na areia salpicada por algas enquanto Abdi e Shidane amarravam as tábuas para formar uma jangada improvisada. Juntos, empurraram a geringonça instável para o mar.

— *Bismillah* — ele sussurrou antes que saíssem, segurando desesperadamente enquanto Abdi e Shidane o impulsionavam para a frente. Quando os dois cansaram, subiram na jangada, ofegando ao lado dele, os rostos virados para o Sol, que subia. Jama se deitou de costas e deu um sorriso contente. Eles flutuaram suavemente nas jovens ondas com braços entrelaçados, gotas de água espalhadas sobre a pele como diamantes.

— Por que não aprende a nadar, Jama? — perguntou Abdi. — Então pode vir pescar pérolas com a gente. É lindo lá embaixo, tem todo tipo de peixe e animal, corais, naufrágios, e você pode achar uma pérola que vale uma fortuna.

Shidane mudou de posição e a jangada girou com ele.

— Não há nenhuma pérola lá embaixo, Abdi, procuramos em todos os lugares, foram todas levadas pelos árabes. Veja só que

iemenitas estúpidos, não merecem um bote como aquele — zombou Shidane. — Se tivéssemos uma arma, poderíamos tomar tudo daqueles tontos.

Jama levantou a cabeça e viu um sambuco seguindo depressa para o porto com caixas empilhadas no deque.

— Arranje uma arma, então — desafiou ele.

— *Ya salam!* Acha que não consigo? Eu consigo fazer uma, menino.

Jama se levantou sobre os cotovelos.

— O quê?

— Você me ouviu, eu consigo fazer uma. Venho observando os soldados, algumas pessoas estão sempre ativas, sempre pensando. É simples para alguém como eu fazer essas coisas de *ferengi*; você pega um pedaço de madeira dura, faz um buraco até o outro lado, pega pólvora, enfia no buraco, então enche uma ponta de pedregulhos e na outra coloca um barbante aceso, então explode tontos como aqueles no mar.

— É mais fácil você explodir seu *futo* queimado no mar. — Jama riu.

— Ria o quanto quiser, burro Eidegalle dentuço. Serei o *mukhadim* e, se tiver sorte, você será meu cule.

— Sim! Poderíamos ser *shiftas* do mar, cobertos de ouro; *wallaahi*, todos vão tremer ao ver nosso navio. — Entusiasmou-se Abdi, desferindo tiros imaginários contra o Sol.

Jama sentiu a água contra a pele.

— *Yallah, yallah*, de volta para a praia! O cordão está soltando! — ele gritou, conforme as tábuas se separavam.

Abdi e Shidane entraram em ação, pegando seus braços e mantendo-o na superfície como dois golfinhos bem-treinados.

Andando na terra e no calor escaldante, Jama instintivamente se dirigiu para o distrito de armazéns. Ele chutou uma lata pelas ruas

de Crater, uma cidade no coração de um vulcão, seu calor infernal derramando pessoas e culturas pelos lados como um fluxo de lava. O sol refletia nos tetos de estanho dos armazéns, cegando-o ocasionalmente. O cheiro de chá, café, olíbano e mirra tomava a colina e o cobria com uma mistura embriagante, nauseante. Chegando ao primeiro armazém, cules de peito nu cantavam ao empurrar pesadas caixas de madeira para a traseira das caminhonetes, caixas levemente menores para o lombo dos camelos e sacos para os burros. Do lado de fora dos cafés de Al-Madina, Jama andou pela entrada de pedras e olhou para a escuridão, a luz do sol atravessando o teto de estanho, iluminando a poeira que subia dos grãos de café enquanto eram jogados para cima e para baixo para soltar a casca. Um campo de mulheres mal pagas em túnicas coloridas e floridas se curvava sobre cestos cheios de grãos, limpando-os para a venda. Jama se entremeou entre elas procurando uma mulher com cicatrizes de varíola, olhos de cobre, caninos recobertos de ouro e cabelo preto muito escuro. Encontrou-a em um canto, trabalhando sozinha com um lenço azul-celeste segurando o cabelo. Ela baixou a cabeça para beijar o rosto de Jama, sua pele suave e sardenta roçando na dele.

Ambaro sussurrou na orelha do filho:

— O que está fazendo aqui, Goode? Não é um parquinho, o que quer?

Jama ficou na frente dela, as pernas enlaçadas como a de um flamingo.

— Não sei, estava entediado... Tem algum troco?

Ele não tinha pensado em dinheiro, mas agora sentia vergonha de dizer que só queria vê-la.

— *Keleb!* Você vem para meu local de trabalho me aporrinhar por dinheiro? Não pensa em ninguém além de si mesmo, que Alá o amaldiçoe por isso, saia agora antes que o *mukhadim* o veja!

Jama virou e saiu correndo pela porta. Ele se escondeu atrás do armazém, mas Ambaro o encontrou, suas mãos ásperas e secas puxando-o de encontro a si. O vestido dela cheirava a incenso e café, e ele deixou que suas lágrimas o atravessassem até a pele dela.

— Goode, Goode, por favor, você é um menino grande. O que eu fiz a você? Conte-me. Conte-me. Veja a vida que estou levando, não tem pena de mim? — perguntou Ambaro em voz baixa. Ela o puxou pelos braços e o arrastou até um pequeno muro de frente para o mar.

— Sabe por que o chamo de Goode?

— Não — mentiu Jama, faminto para ouvir sobre o tempo em que ele tinha uma família de verdade.

— Quando estava grávida de você, fiquei incrivelmente grande, meu estômago foi para a frente de um jeito que não acreditaria. As pessoas me avisavam que uma moça jovem de dezessete anos morreria ao dar à luz uma criança assim, que você ia me rasgar por dentro, mas eu estava feliz, em paz. Sabia que estava esperando alguém especial. Seguir camelos por aí é um trabalho terrível, e fui ficando cada vez mais lenta. Sempre me separava da grande caravana de meu pai, e seguia mancando, com meus tornozelos inchados, até alcançar a família. Lá para o oitavo mês, estava tão exausta que precisei parar, mesmo tendo perdido o último camelo de vista. Havia uma antiga acácia na savana chamada Gumburaha Banka, e me sentei debaixo da velha árvore para descansar na pouca sombra que ela fazia. Sentei e ouvi minha respiração pesada subir e descer, subir e descer; estava usando um *guntiino* de nômade e a lateral da minha barriga estava exposta ao sol e à brisa. Então, subitamente senti uma mão macia acariciar minhas costas e se mover em direção ao meu umbigo, olhei em choque e *hoogayeh!* Não era uma mão, mas uma mamba enorme, enrolada em torno da minha barriga. Tive medo de que o corpo pesado dela fosse esmagar você,

então não me mexi nem um centímetro, mas ela parou e colocou a cara sábia do demônio em você e escutou a batida abafada de seu coração. Nós três ficamos unidos daquele jeito pelo que pareceu uma vida, até que, decidindo algo, a cobra flexionou os tendões e desceu pelo meu corpo, massageando meu útero com a barriga macia até desaparecer na areia com uma batida do rabo. Quis batizá-lo de Goode, que quer dizer mamba-negra. Seu pai apenas riu de mim, mas, quando você saiu com sua linda pele escura e seu cheiro de terra, eu soube que o nome era certo e o guardei como meu nome especial para você.

Jama derreteu no calor das palavras da mãe e sentiu o ouro líquido do amor nas veias. Ficou em silêncio, sem querer quebrar o feitiço que os envolvia, e ela continuou.

— Sei que sou dura com você, às vezes dura demais, mas sabe por que lhe peço coisas? Coisas que não entende que são boas para você? Porque tenho tanta esperança; você é meu bebê da sorte, nasceu para ser alguém, Goode. Sabe que o ano em que você nasceu ficou conhecido como o ano da minhoca? Minhocas gordas saíram da terra durante a estação da chuva para consumir a grama, as árvores e inclusive nossas casas de palha, até que terminaram e subitamente desapareceram. Todos pensaram que era um sinal do fim, mas os mais velhos disseram que já tinham visto isso antes e que era *barako*, já que as chuvas foram abundantes depois, e nossos camelos iriam procriar de modo fantástico. A velha Kissimee me disse que, como meu filho iria nascer no meio daquela praga, teria a melhor sorte, como se tivesse nascido com a proteção de todos os santos, e que ele veria os quatro cantos do mundo. Eu acreditei nela, porque ninguém nunca viu aquela mulher fazer uma profecia errada.

Apesar da beleza das palavras, Jama sentia que a mãe colocava pérola após pérola de expectativas em uma corda que ficaria

solta em torno de seu pescoço, pronta para enforcá-lo um dia. Ele se aproximou dela para abraçá-la, e ela passou os braços marrons-dourados em torno de suas costas cor de mogno, esfregando os dedos por sua espinha saltada.

— Vamos voltar para Hargeisa, *hooyo*.

— Um dia, quando tivermos o suficiente para levar de volta — disse ela, com um beijo na testa dele. Desatando um nó na ponta do vestido, tirou uma moeda e a deu a Jama. — Vejo você de novo no telhado.

— Tá, *hooyo* — respondeu Jama, ficando de pé para ir embora.

Pegando a mão dele, a mãe o olhou.

— Que Deus o proteja, Goode.

A sra. Islaweyne tinha um problema com Ambaro e não se dava ao trabalho de esconder. Nas longas ausências da mãe, ela ia atrás do filhote. Quando percebeu, em suas interrogações exageradamente doces, que Jama jamais falaria mal da mãe ou deixaria escapar segredos vergonhosos, ela passou a oferecer as próprias críticas: “Que tipo de mulher deixa o filho sozinho para vagar pelas ruas?” e “Não me surpreende que as mulheres somalis tenham má reputação com o jeito como algumas dessas novatas se vestem, de braços todos nus, com as tetas pendendo do lado”. O ressentimento era mútuo, e Ambaro e Jama zombavam dela pelas costas. Quando Ambaro via a sra. Islaweyne enrolar o *nikaab* em torno do rosto, ela levantava uma sobrançelha e cantava em uma voz agridoce: “*Dhegdheer, Dhegdheero, yaa ku daawaan?* Bruxa, bruxa, quem vai admirá-la?”.

Dhegdheer era uma mulher estranha, vaidosa, com membros curtos e roliços, sempre untada de óleo da cabeça aos pés, com as sobrançelhas pesadamente desenhadas com *khol*, uma verruga grande e cabeluda na bochecha mesclando-se a um vistoso bigode,

e pés pequenos e inchados que se apertavam em sapatos que Ambaro jamais poderia comprar. Às vezes, Dhegdheer aparecia no telhado olhando para eles sem um motivo particular, marcando seu território. Quando ela voltava para baixo, Jama copiava seu gingado característico e seus olhos apertados com perfeição. “Vai se comer, bruxa!”, ele gritava, quando ela já não podia mais ouvir.

— A única coisa em que aquela mulher é boa é procriar, ela deve ter uma estrada entre as pernas, dá à luz ninhadas de dois e três como se fosse uma cadela de rua — dizia Ambaro. E estava certa: Jama tinha contado oito filhos, mas atrás de cada porta parecia haver mais, dormindo ou chorando.

Os meninos Islaweyne mais velhos iam para a escola e conversavam em árabe, até mesmo em casa. Jama aprendera um árabe grosseiro das ruas, do qual eles zombavam, imitando sua gramática ruim e suas gírias com vozes baixas e imbecis. Embora ZamZam não fosse uma menina muito sedutora, Dhegdheer estava de olho em um dos somalis ricos que importavam gado de Berbera e queria que a filha parecesse uma flor delicada cultivada no local mais refinado.

Jama ouviu Dhegdheer reclamar ao marido que Ambaro e seu filho vadio baixavam a honra da família deles.

— Como podemos ser da primeira classe se temos pessoas como aquelas na nossa própria casa?

O sr. Islaweyne grunhiu e fez um sinal para que ela fosse embora, mas ficou claro para Jama que sua posição na casa era precária. Quanto mais tempo passava nas ruas para evitar Dhegdheer e seus filhos, mais as reclamações contra ele aumentavam.

— Kinsi diz que o viu roubar do *suq*.

— Khadar, da casa ao lado, diz que ele fica no *mukhbazar* Camelo brincando com fumantes de haxixe.

Jama brincava com os fumantes de haxixe, mas era porque não tinha irmãos, primos ou um pai para protegê-lo como as outras crianças. Ele sabia de sua impotência, então não discutia nem fazia inimigos. Recentemente fizera amizade com Shidane e Abdi, que eram gentis e generosos, mas amizades entre meninos de clãs diferentes tendiam a se formar e dissolver como constelações de novas estrelas forjadas no calor de Áden, nunca duradouras.

No apartamento, a guerra fria entre as duas mulheres começava a derreter e ferver no calor do verão. Ambaro, cansada e frustrada depois do trabalho, se tornara mais combativa. Usava a cozinha ao mesmo tempo que Dhegdheer, servia-se de mais farinha e manteiga *ghee*, pegava copos limpos em vez dos que eram reservados para eles e deixava a roupa lavada no varal por dias inteiros. Mesmo com Jama, ela era como uma chaleira assoviando com a fervura; um dia queria que ele fosse trabalhar, outro dia, que fosse para a escola, outro dia, que ficasse no teto, longe daqueles meninos do mercado, e outro dia ainda, não queria vê-lo nunca mais. Jama primeiro tentou confortá-la, massageando todos os nós no corpo dela com seus dedos vivos e entusiásticos, mas, logo, até seu toque a irritava e ele a deixava para passar as noites com Shidane e Abdi. Voltava depois de alguns dias para se lavar, comer um pouco e ver como a mãe estava, até que, uma noite, ele voltou e encontrou Ambaro e Dhegdheer na cozinha, os peitos quase tocando, dentes e unhas arreganhados, prontas para pular uma na outra. Do que ele entendeu pelos gritos de “puta nascida de putas” e “sirigaita”, Dhegdheer estava mandando a mãe sair da cozinha e ela estava xingando de volta e mantendo sua posição, parecendo pronta para cuspir na cara de Dhegdheer. Jama agarrou os braços da mãe e tentou tirá-la dali. Os filhos de Dhegdheer, maiores e mais fortes que Jama, haviam entrado na cozinha, sem poder ignorar os gritos das mulheres. Ambaro e Dhegdheer agora

se batiam, empurrando-se entre as panelas quentes. Jama tirou as panelas do fogo e as colocou fora de perigo. Ambaro era mais jovem, mais forte e lutava melhor que Dhegdheer, que ficava presa em casa, e empurrou a outra mulher para um canto, desafiando a sra. Islaweyne a tocar um dedo nela.

— *Soobax, soobax*, vem — provocou Ambaro.

O filho mais velho de Dhegdheer agarrou Ambaro e a jogou no chão.

— Pare de ser desavergonhada — ele guinchou, numa voz que quebrava.

Vendo a mãe no chão, Jama, sem pensar, pegou uma panela de sopa fervente e jogou o líquido quente na direção dos garotos. A sopa não alcançou o corpo deles, mas caiu sobre seus pés descalços. Dhegdheer ficou enlouquecida.

— *Hoogayey waan balanbalay*, meus meninos preciosos, *beerkay!* Meus próprios fígados — ela lamentou. — Que Alá o corte em pedaços, Jama, e o jogue para os cães selvagens!

Dhegdheer pegou uma longa faca de açougueiro e começou a afiá-la; enquanto Ambaro tentava arrancá-la das mãos dela, Jama correu por entre as pernas delas e escapou do apartamento.

Shidane e Abdi aplaudiram Jama quando ele lhes disse que nunca mais voltaria para a casa dos Islaweyne. Áden era um imenso e perigoso parquinho para os meninos do mercado, e Shidane conhecia todos os cantos, fendas, buracos e depósitos que formavam o mapa da cidade não vista. Juntos, podiam evitar meninos mais velhos que os roubariam ou bateriam neles.

Foi só quando se tornaram um bando que Jama percebeu que Abdi era quase surdo: ele colocava a orelha bem na frente da boca dele para compensar e segurava suas mãos enquanto ouvia. Enquanto estavam sentados no telhado deles, observando o sol poente transformar a água de tanques antigos em sóis nascentes,

Jama e Abdi se acomodaram debaixo de uma velha coberta. Shidane riu dos dois aconchegados, e eles riram de suas orelhas grandes.

— Não é de admirar que seu pobre tio seja tão surdo! Você recebeu orelhas suficientes para os dois! — disse Jama, pegando as orelhas de abano de Shidane.

— E quem é você para falar? — exclamou Shidane em resposta, apontando para os grandes dentes brancos de Jama. — Olha para essas presas em sua boca! Pode derrubar uma árvore com elas.

— Você queria ter dentes como os meus, orelhas de coelho, com um vão da sorte como esse entre meus dentes! Espere e veja como eu vou ficar rico, você morreria para ter os meus dentes, admita.

Jama mostrou os dentes para que eles os invejassem.

Ambaro tinha passado dias segurando o fôlego quando Jama desaparecera. O sr. Islaweyne permitiu que ela se mudasse para um quatinho no apartamento enquanto Dhegdheer sentia uma satisfação secreta com o desaparecimento de Jama. Ambaro procurava o filho em vielas imundas e escuras tarde da noite; bem depois de seu turno de doze horas terminar, ela ainda procurava: ia para os locais que ele costumava frequentar, perguntava para outros meninos do mercado, mas não conseguia encontrá-lo. Ela não tinha amigas entre as mulheres do café e, diferentemente das outras mulheres somalis, cujos problemas jorravam da boca a cada oportunidade, sua angústia ficava presa dentro de si, sem alívio. Jama desaparecia com regularidade, mas Ambaro tinha um pressentimento terrível de que, desta vez, ele não voltaria. Sua filha Kahawaris começou a aparecer em seus sonhos, e ela odiava sonhar com os mortos.

Ao contrário de muitas mulheres somalis, que abandonavam meninos de quatro ou cinco anos nas ruas quando os pais sumiam, ela tinha cuidado de Jama o melhor que conseguira, e pensava dia

e noite: *Como posso manter meu menininho em segurança? Como posso manter meu menininho em segurança?*

Jama era a única família que ela tinha ou queria; não tinha visto o resto desde que partira para Áden. Ambaro havia crescido sob os cuidados da tia depois que a mãe, Ubah, morrera de varíola. Izra'il, o anjo da morte, derrubara a porta de Ubah catorze vezes para dizimar sua legião de filhos, levando-os com diarreia, pequenos acidentes, fome, tosses que arruinaram pequenas caixas torácicas até que partissem. Ubah tinha um último filho vivo, uma menininha de coração partido e doente, que assombrava seu túmulo esperando que o dia do julgamento chegasse e devolvesse a mãe para ela. A varíola tinha passado sua mão bexiguenta no corpo de Ambaro, mas ela sobrevivera, portando as cicatrizes como prova da proteção fantasmagórica da mãe. Ao ficar mais velha, Ambaro se transformou em uma jovem esguia e silenciosa. A dor pela perda da mãe e dos irmãos e das irmãs a mantinha alheia aos outros membros da família, que a temiam e se preocupavam que o infortúnio a levasse a fazer alguma bruxaria maligna contra eles. Os olhos de Ambaro eram profundos demais, cheios de tristeza demais para serem confiáveis. Apenas Jinnow, a matriarca equilibrada da família polígama, demonstrava por ela qualquer afeição. Jinnow trouxera Ambaro ao mundo quando bebê, a nomeara e exigira que colocassem um véu sobre a crescente intimidade dela com o primo Guure. Guure, o órfão, vivia com sua tia idosa, e Ambaro o imaginava como uma alma semelhante, além de parente. Achava que apenas ele entenderia como era ser o intruso na família, ser chamado de “amaldiçoado” e “infeliz”. Ela o observou por muito tempo até que ele a notasse, mas então ele começou a se esgueirar atrás dela quando ia ao poço ou pegava madeira para o fogo.

Quando Ambaro soube que seu pai e seus tios haviam rejeitado Guure em favor de outro homem, pediu que Jinnow enviasse um

recado a ele para encontrá-la. Ela se enrolou na sua echarpe mais nova e escapou pela noite. Guure esperava debaixo da grande acácia como ela planejara, esbelto e sorridente, a pele brilhando sob o luar. Seu afro marrom formava uma auréola em torno da cabeça, e, com suas túnicas brancas luminosas, ela sentiu que estava fugindo com o arcanjo Jibreel. Ele trouxera uma trouxa de pano. Ajoelhou-se para abri-la e tirou uma romã e uma pulseira de ouro roubada da tia, passando-as para Ambaro e beijando as mãos dela enquanto ela as pegava. Então ele tirou um alaúde e a puxou para sentar-se ao lado dele, colocando o pano debaixo dela. Ele puxava as cordas devagar, com delicadeza, observando o sorriso tímido dela aumentar maliciosamente; então tocou com mais confiança, soltando uma melodia bucólica suave. Soava como a primavera, uma canção de ninar de amantes. Sentaram-se enlaçados até que a Lua e as estrelas fizeram a gentileza de enfraquecer e deixar os amantes secretos. Casaram-se no dia seguinte, em uma cerimônia testemunhada por estranhos e conduzida por um xeique rebelde que, rindo, colocou dois bodes no papel de guardiões masculinos da noiva. Voltaram para o acampamento familiar e para a admiração dos primos, mas os anciãos estavam furiosos e não deram nada ao jovem casal, que foi forçado a construir a própria *aqal* improvisada. Ambaro logo aprendeu que o marido era um sonhador empedernido, sempre preso na própria cabeça; era o rapaz a quem todos amavam, mas a quem ninguém confiava seus camelos. Guure não aceitava que sua juventude sem preocupações acabara; ainda queria perambular com os amigos, enquanto tudo o que Ambaro queria era uma família para si. Guure tocava o alaúde com toda sua paixão e atenção, mas era indiferente e incompetente com os detalhes práticos da vida; eles não tinham animais e dependiam da caridade de Jinnow. Em um piscar de olhos, Ambaro se tornou a juíza de Guure, sua supervisora, sua carcereira. Quando Jama

chegou um ano depois, no décimo oitavo ano de Ambaro, ela esperou que isso forçasse Guure a começar a sustentar a família, mas, em vez disso, ele seguiu penteando o cabelo interminavelmente e tocando o alaúde, cantando sua música favorita para ela, “Ha I gabin oo I gooyñ”. De vez em quando, balançava o bebê nos dedos antes que Ambaro tirasse Jama dele. Ambaro levava uma faca e uma vara da árvore mágica *wagar* para proteger o filho dos perigos vistos e ocultos; era uma mãe feroz, militante, seu interior doce e brando completamente derretido. Amarrava o bebê às costas e aprendeu a tecer cestos de palha, fazer perfume, costurar cobertas, com a intenção de trocar aqueles itens por comida em assentamentos vizinhos. Mas não importava o que Ambaro fizesse: continuavam miseráveis, e ela era obrigada a fuçar o campo em busca de plantas e raízes comestíveis. Quando Guure começou a passar os dias mastigando *qat* com jovens dos quais pegou a Mania de Motores, Ambaro estava pronta para arrancar os cabelos. Ele a entediava com uma conversa obsessiva sobre carros e os homens do clã que tinham ido para o Sudão e feito muito dinheiro levando *ferengis* por aí. Parecia impossível para Ambaro, que jamais vira um carro na vida e não acreditava que fossem mais do que feitiçaria infantil de estrangeiros. Ela tentou desesperadamente extinguir aquela chama que ardia em Guure, mas, quanto mais o criticava e o ridicularizava, mais ele se aferrava ao seu sonho e se convenciu de que deveria ir para o Sudão. A conversa dele roubava a esperança do coração dela e a fazia imaginar como ele poderia abandonar a família com tanta facilidade; ela chorava e ele a abraçava, mas ela sabia que só havia mágoa pela frente. Guure se aquietou quando uma filha chegou um ano depois de Jama, uma criança dourada e sorridente com olhos felizes que Ambaro batizou de Kahawaris, em homenagem ao brilho da luz antes do nascer do sol que anunciou o nascimento dela. Kahawaris se transformou na luz da vida deles,

um bebê cuja beleza as outras mães invejavam e cujos risos ecoavam pelo acampamento. Jama havia se tornado um menininho falante, sempre acariciando a irmãzinha e abordando os adultos com perguntas enquanto carregava Kahawaris nas costas. Com os dois filhos arranhando-o, reclamando e chorando de fome toda noite, Guure prometeu que pegaria qualquer trabalho que lhe dessem, mesmo se significasse levar carcaças para o abatedouro. Ele começou a ajudar Ambaro com as tarefas, ignorando as troças dos amigos para pegar água do poço e tirar leite das cabras junto com as mulheres. A vida seguiu assim, suportável, até que, depois de um longo dia exaustivo, Ambaro soltou a filha das costas e a encontrou mole e sem vida. Ambaro gritou para Guure, ele pegou a criança dos braços dela e correu para Jinnow. A alma de Ambaro se esvaziou depois da morte de seu bebê. Ela chorava sob Sol e Lua, se recusava a se levantar, se alimentar ou dar de comer a Jama. Culpava Guure por fazê-la carregar um bebê novinho de vila a vila no calor e na poeira. Tinha medo por Jama e colocava constantemente o ouvido contra o coração dele para verificar se ainda batia, mas ele tinha florescido sem ela. Agora ela sentia que tinha fracassado com Kahawaris, que tinha sido uma mãe ruim para a linda criança. Guure lutava desesperadamente para cuidar deles, alimentava e banhava Jama, mas não sabia vender e trocar como Ambaro, então com frequência passavam fome ou mendigavam. O pai de Guure morrera antes que ele nascesse, então ele não tinha ideia do que um pai fazia ou não, apenas seguia em frente com culpa e medo de que Jama também fosse morrer. Finalmente, quando uma seca dizimou um terço dos camelos, ovelhas e cabras do clã, tudo se desintegrou, e as famílias se dissolveram conforme as pessoas buscavam a sobrevivência em cada estrada de terra.

Guure pegou o rosto de Ambaro nas mãos e disse:

— Escute, ou eu vou embora para ganhar dinheiro para a gente ou você vai. O que vai ser?

Ambaro afastou as mãos dele e ficou em silêncio.

Naquele mesmo dia, Guure saiu em uma viagem sem mapa e sem dinheiro para o Sudão. Foi a última vez que o viram, embora ouvissem histórias de suas andanças. Ambaro esperou e esperou por ele, sem saber se tinha morrido, enlouquecido, encontrado outra pessoa. A família dela exigiu que ela se divorciasse dele, os clérigos lhe disseram que ela tinha sido abandonada e estava livre, mas ainda assim ela esperou. Foi para Áden e suas fábricas esperando ganhar o suficiente para localizá-lo. Amaldiçoava seus admiradores e os mandava embora na esperança de que um dia Guure aparecesse no horizonte com seu alaúde preso nas costas.

Voltar para a casa dos Islaweyne era uma fruta amarga demais para Jama engolir; aquela mulher inchada, pomposa e suína tratava Jama e a mãe como moscas voando sobre seu prato de jantar cheio. Ele estava cansado de tornar seu pequeno corpo ainda menor para que aquela falsa rainha pudesse sentir que o ar no cômodo era reservado apenas para ela. Jama também se cansara da mãe, que não fazia nada além de lhe dar dor de cabeça. Viver ao ar livre lhe dera um instinto lupino de autopreservação; podia sentir o perigo nos pelos curtos da parte baixa da espinha e seu gosto no ar grosso e empoeirado. Ele pensava com o emaranhado de nervos primitivo e nodoso na base da espinha, como Adão – suas necessidades eram primais: encontrar comida, encontrar abrigo e evitar predadores. Dormir em telhados e ruas tinha transformado seu sono do cochilo contente de uma criança, segura em seu reino com a mãe de guarda, em uma inconsciência agitada, semidesperta, consciente de vozes misteriosas e passos alarmantes. Seu lugar predileto para dormir era a reentrância com

cheiro de terra de um telhado em um bloco de apartamentos oscilante. A reentrância era formada por uma parede de barro que se curvava para formar uma tumba de três paredes, e dentro dela Jama sentia-se seguro como os mortos, neste mundo, mas não parte dele, flutuando alto no céu. Ao amanhecer, ele despertava e observava os pequenos insetos com suas vidinhas atarefadas, correndo pela parede com tanta presunção, rastejando sobre seus dedos e seu rosto como se ele fosse apenas uma rocha no caminho. Sentia-se tão pequeno no mundo quanto eles, mas mais vulnerável, mais sozinho que as formigas com seus exércitos ou as baratas com suas cascas duras e asas escondidas. Mas naquela noite ele voltaria para o novo bloco de apartamentos em que vinha dormindo com Shidane e Abdi. Dias, semanas e meses vieram e se foram, mas Jama raramente sabia onde iria comer ou dormir a cada noite; não havia ordem em sua vida. Era fácil imaginar-se ficando velho e fraco naquelas ruas cruéis e, por fim, sendo encontrado, como outros meninos do mercado que vira, frio e duro na sarjeta, sendo levado por uma carreta puxada por um burro para uma cova de indigente sem nome fora da cidade antes que cães vadios o transformassem em refeição. Entrando no prédio, Jama deu boa-noite ao zelador de olhos sonolentos e foi para o telhado, sentindo um vazio no peito pela vontade de estar com uma mãe cuja companhia achava muito difícil suportar. Ao chegar ao teto, viu seu vazio interior igualado ao silêncio completo. Abdi e Shidane não estavam ali. A solidão que Jama sentia entrou ainda mais fundo em sua alma; ele precisava do pequeno corpo quente de Abdi para se aconchegar, o nariz molhado dele enterrado no pescoço de Jama. Pisou no peitoril e olhou para as estrelas impassíveis e a Lua ainda cheia e indiferente.

Ficou ali, desfrutando da grande altura a poucos centímetros de seus pés, e gritou com toda a força dos pulmões:

— Guure Naaleyeh Mohamed, onde está você? Venha encontrar seu filho!

Sua voz ecoou nos prédios e flutuou para o mar.

Shidane liderava seu bando nas ruas da parte árabe de Áden, Ma'alla, contando ao pequeno tio e a Jama os acontecimentos locais, passando as informações que tinha captado em seu trabalho como garoto de recados. Homens e mulheres se moviam por trás de cortinas como marionetes indianos espasmódicos, as vidas emolduradas por janelas e iluminadas pelos postes enquanto os meninos os observavam da rua ao crepúsculo.

— A mulher naquela casa na verdade é um eunuco, eu o vi tirar seu *sharshuf*, e, debaixo, ele tem um porrete gigante, pelos sobre os braços e os pés, uf! Ele parecia um lutador, *wallaahi*, juro.

Jama lançou um olhar incrédulo para Shidane e o empurrou. Rosas extravagantemente vermelhas do tamanho do rosto de Jama pendiam sobre os muros exteriores das casas, enchendo o ar com seu aroma doce de melado. Jama arrancou uma do cabo, acariciando as pétalas, que pareciam ter a penugem das asas de uma borboleta, e a agitou em um círculo na brisa do anoitecer, atraindo um balé de insetos que seguiam com urgência a fragrância deixada pelo arco.

— E aquele homem ali, está vendo? Com turbante? Vive entrando e saindo da cadeia, todos os dentes dele são de ouro, ele é um contrabandista de diamantes, consegue tirar os dentes e esconder diamantes dentro, eu o vi fazer isso à noite pela janela.

Abdi, com uma expressão extasiada, exclamou:

— *Inshallah* eu seja um contrabandista de diamantes quando crescer, é ainda melhor que ser contrabandista de pérolas. Eu compraria sapatos pontudos pretos e brilhantes como os homens ricos usam e compraria uma casa para *hooyo* e mais ouro do que ela conseguiria usar.

Em silêncio, os três meninos olharam para os pés nus, calçados apenas de areia e terra.

— Sabe o que eu compraria? — perguntou Jama.

— Um carro? — respondeu Shidane.

— Não, um avião, assim poderia voar através das nuvens e descer para a terra sempre que quisesse ver um lugar novo. Meca, China, eu iria ainda mais longe que Damasco e Ardiwaliya, só iria e viria como quisesse.

— Alá! São obra de *Shayddaan!* Ninguém conseguiria me enfiar em uma daquelas coisas — bufou Shidane. — Minha mãe diz que eles são *haram*, que Deus só quis que anjos, insetos e pássaros voassem, não é de espantar que peguem fogo. Daí, quando você morre, seu corpo se transforma em cinzas, então não pode nem ter um enterro decente, e você vai direto para o inferno. É bem-feito para os *ferengis*.

A rosa arrancada da roseira murchou no calor abafado, e Jama arrancou pétala por pétala.

— Ei, lembra daquele vendedor de flores para quem trabalhamos no último Ramadã?

— Aquele cabeça de merda, como poderíamos esquecer dele? Ainda estamos esperando nosso pagamento. Não podemos todos bater os cílios para as mulheres como você, Jama. As velhas bruxas abriam a porta, me olhavam e a batiam de novo na minha cara. Ele ainda me deve pelas poucas flores que consegui vender — disse Shidane.

Jama ergueu o dedo à boca.

— Fique quieto e escute, Shidane. Ouvi que ele agora é um marinho e ganhou o suficiente em uma viagem pra casar com duas mulheres e comprar uma casa grande em Sana'a.

— Duas mulheres! — exclamou Shidane com um assovio. — Aquele pecador horrível! Duvido que ele consiga convencer um velho babuíno cego a se casar com ele.

Abdi riu com a língua cruel do sobrinho. O rosto dele normalmente tinha uma expressão grave, contemplativa, mas então, com um lampejo nos olhos, um sorriso a abria, revelando dentes que tropeçavam uns nos outros. Um sorriso torto feito de centenas de dentes quebrados.

Jama tinha gostado de carregar as grandes cestas cheias de jasmims, plumérias e hibiscos de porta em porta no crepúsculo fresco e silencioso, sorrindo para as belas esposas e filhas dos homens ricos nos bairros ricos. À noite, sua pele e seu sarongue ficavam infundidos com um cheiro intoxicante de vida e beleza. Ele voltava para casa e decorava o cabelo negro da mãe com flores vermelhas, cor-de-rosa e roxas.

Conforme os três meninos desciam a rua, uma algazarra quebrou o silêncio da vizinhança. Os berros de uma mulher subiam além da gritaria geral, e Jama olhou para os outros dois com nervosismo. Uma mulher pequena, de meia-idade, dobrou uma esquina, correndo descalça por eles com a frente do vestido rasgada, revelando um sutiã velho cinza, e o rosto contorcido em terror abjeto.

Ela era perseguida por um grupo de homens mais velhos, um deles com uma faca, outro com uma vara grossa. Eles uivavam atrás dela:

— *Ya sharmuta!* Adúltera! Trouxe vergonha para nossa rua! Vamos pegar você, por Deus!

Atrás deles vinha um grupo de crianças maltrapilhas, algumas chorando, algumas rindo e incentivando-os. Aquela tempestade humana envolveu Jama e então sumiu com a mesma rapidez. Ele ficou imóvel, atônito com o que vira, a cabeça ainda virada na direção do bando de linchadores.

— Vamos atrás deles! — gritou Shidane, e eles correram atrás da multidão.

— Para que lado eles foram? — perguntou Jama, tentando localizar para onde a comoção tinha ido.

Os gritos eram ensurdecedores quando os meninos chegaram à viela suja onde a mulher fora encurralada. Seus filhos agarravam-se a ela, uma menininha que uivava e tremia, segurando a mãe pela cintura, e um adolescente que tentava desesperadamente manter o corpo esguio entre a mãe e o homem que segurava a faca. Shidane se embrenhou na multidão até a mulher, a faca congelada no ar sobre as cabeças.

— Solta ela! — ele gritou. — Solta ela, filho da puta!

Jama viu o homem com a vara bater nas costas de Shidane com ela; o outro brutamontes o segurou para trás enquanto o velho xingava e investia contra o menino.

— Saia daqui! *Ya abid*, escravo! — ele gritou.

A multidão de crianças empolgadas se movia em torno de Jama, os olhos arregalados de terror e alegria com a cena; um menino insistia em subir nas costas de Jama para ver melhor, mas ele o jogou no chão. Abdi pendia do braço do homem com a vara. Jama, preocupado que Abdi pudesse apanhar, foi até o homem da faca e cravou os dentes no braço dele. Mordeu cada vez mais forte até que a faca caiu no chão. Shidane pegou o objeto e arrastou Jama e Abdi para longe. Eles fugiram pela noite, a adaga enfiada no *ma'awis* de Shidane.

No dia seguinte, os meninos rondaram o restaurante ao ar livre de Cowasjee Dinshaw e Filhos como um bando de hienas famintas. Colocaram-se à direita, esquerda e frente dos comensais cosmopolitas sentados, que pediam travessas cheias de arroz com frango, espaguete com carne de cordeiro moída e ensopado com grandes pedaços de pão. O tilintar dos copos cheios e a conversa subiam pelo ar junto com os arabescos tênues de fumaça de cigarro. Jama limpou a saliva da boca e fez contato visual com Shidane, que estava atrás da mesa de um comerciante

*banyali* de terno e sua companheira elegante envolta em um sari, a carne suculenta espiando debaixo do *choli* fúcsia. Os meninos mal tinham comido ou bebido qualquer coisa nos últimos dias e precisavam segurar o desejo de derrubar os garçons e arrancar as travessas fumegantes das mãos deles. Um garçom pegou o guardanapo branco pendurado no braço e deu uns petelecos na parte traseira das pernas de Abdi.

— *Yallah! Yallah abid!* Deixe os nossos fregueses em paz — gritou.

Os meninos se afastaram do restaurante e se reuniram nas palmeiras que ladeavam a via. A fome era a motivação principal da vida deles, estivessem procurando juntos ou sozinhos. Abdi fez um gesto na direção do casal indiano que ia acertar a conta. Jama e Shidane correram para a mesa e, em um movimento desesperado, despejaram os restos de dois pratos de espaguete nos sarongues, que haviam puxado para servir de tigelas. Abdi recolheu todo o pão e correu atrás de Jama e Shidane pela via. Pararam no momento em que perceberam que não estavam sendo caçados e caíram na rua com as costas contra um muro. Enfiaram a comida na boca como se nunca mais fossem comer, silenciosamente e com a atenção fixa na parca refeição que tinham nos colos. Abdi tentou pegar espaguete do colo de Jama e Shidane, mas teve de driblar os dedos deles, que se moviam freneticamente. Eles, por sua vez, pegaram o pão em suas mãos, e só quando ele gritou desesperado é que desaceleraram e permitiram que pegasse sua parte do butim. Jama e Shidane limparam os dedos engordurados na areia debaixo deles e observaram enquanto Abdi letargicamente terminava de comer as migalhas espalhadas. Os olhos de Jama observaram os dois garotos, com suas costelas protuberantes e seus tornozelos e punhos finos como palitos de fósforo.

— Abdi, por que você come como uma galinha? Sempre fica com as migalhas, precisa ser rápido!

— Bem, eu comeria mais se vocês, porcos, não engolissem tudo antes que eu pudesse sentar — respondeu Abdi, emburrado.

Envergonhados, Jama e Shidane riram, mas não olharam nos olhos um do outro.

— Quero ver minha *hooyo* de novo — disse Abdi, com tristeza. — Acho que ela está doente.

— Não se preocupe, vamos amanhã. Logo vamos poder voltar para Berbera de qualquer jeito, os *dhows* já estão indo para a Somalilândia. Mal posso esperar para a feira deste ano, café de Harar, açafião, presas, penas de nossos grandes Isse Muuse, Garhajis com penas, mirra, goma, ovelhas, gado, *ghee*, e os Warsangelis com seu maldito olíbano. E todos aqueles árabes e indianos para roubar antes do nosso mergulho matinal. Não vem com a gente, Jama? — perguntou Shidane.

— Não, vou ficar aqui, na cidade grande. Não tenho por que voltar — mentiu Jama.

Shidane o olhou, um sorriso esticando a boca.

— Onde está seu pai, afinal? Por que ele fugiu? Foi você ou sua mãe que o irritou?

— Cale a boca, Shidane — respondeu Jama, seco.

Shidane cutucava as pessoas como cutucava as feridas, tentando desesperadamente chegar à polpa vermelha abaixo. Jama o odiava quando ele fazia isso. A mãe de Shidane era uma prostituta em um bordel do porto, mas ele jamais ousava retribuir os insultos. Os meninos nunca levavam Jama quando iam visitar a mãe de Shidane, mas Jama os seguira um dia e observara de trás de um poste como Shidane e Abdi abraçavam uma mulher pequena vestindo uma camisa *ferengi*, o cabelo ruivo voando na brisa. Ela estava cercada pelas mulheres de vida dura do porto, que bebiam, mascavam tabaco e *qat* e atraíam marinheiros chacoalhando pandeiros e dançando. A mãe de Shidane parecia uma noiva perdida,

com seus lábios vermelhos, olhos pintados de *khol* e joias de cobre, mas, atrás da maquiagem, havia um rosto que perdera toda a inocência, inchado e amarelado de bebida.

O pai de Shidane fora morto por uma bomba britânica remanescente da campanha de anos antes contra o Mulá Maluco, e a raiva que aquilo fez brotar em Shidane às vezes fazia seu humor arder com a força do magnésio. Ele procurava brigas e era pulverizado; Jama e Abdi então se aninhavam em torno dele, com cautela, enquanto ele ofegava e os xingava por terem sido covardes, estúpidos, patéticos, os olhos vermelhos pelas lágrimas represadas. Jama e Abdi amavam Shidane, então toleravam a boca suja dele, suas exigências impossíveis, sua crueldade; ele era charmoso demais para que guardassem rancor. Seus olhos gigantescos podiam ser tão sinceros e cheios de compaixão que nunca conseguiam ficar bravos com ele por muito tempo. Sem Shidane e Abdi, os dias de Jama seriam longos, solitários e quase silenciosos; os dois se insinuaram no fundo de seu coração, e Jama fantasiava que eles eram irmãos. A única vez que se separavam agora era quando Shidane e Abdi iam para Steamer Point para mergulhar atrás de centavos. Navios de cruzeiro a caminho da Índia ou do Extremo Oriente paravam em Áden, e os passageiros ociosos jogavam moedas na água para ver os meninos *gali gali* arriscarem a vida para recolhê-las. Jama ocasionalmente observava os dois, Shidane perigosamente esguio e elegante, Abdi sempre lutando com a boca cheia de água salgada. Depois de horas no mar, eles voltavam para a praia com as bochechas cheias de moedas e as cuspiam aos pés de Jama; era mendigar, mas eles faziam parecer bonito.

Instigados por Shidane, o bando às vezes saía procurando confusão. Crianças indianas, judias e iemenitas moravam todas com

os pais, não importava o quanto fossem pobres. Eram apenas as crianças somalis que corriam por aí ferozes, dormindo em todo e qualquer lugar. Muitos meninos somalis eram filhos de mães solteiras que trabalhavam nas fábricas de café e ficavam cansadas demais depois de doze horas de labuta para caçar meninos famintos e incontroláveis. Os pais iam e vinham regularmente, ganhando e perdendo dinheiro com o comércio das monções. Sem surras parentais a temer, os meninos somalis viam as outras crianças como bem alimentadas e fracas o suficiente para serem atormentadas em segurança. Jama, Shidane e Abdi gostavam de rondar pelo Suq al-Yahud e a área de *Banyali*, assim como a velha Áden. Naquele dia, penetraram no quarteirão judaico, andando sob roupas lavadas que balançavam, cruzando as vielas e procurando meninos da sua idade para lutar. Os meninos judeus pareciam muito empertigados e respeitáveis em comparação a eles, elegantes com os pequenos quipás equilibrados nas cabeças e livros debaixo dos braços enquanto voltavam da *yeshiva*.

Shidane pegou uma pedra e a arremessou contra um deles.

— Ei, *yahudi*, eles ensinam isso na sua escola? — perguntou, com a inveja secreta dos iletrados.

Abdi e Jama, embora hesitantes, pegaram pedras menores e também as jogaram.

Os meninos judeus fizeram uma pilha com os livros.

— *Punkahwallahs* somalis, seus pais são *punkahwallahs* somalis imundos — gritaram os garotos e começaram a bombardear de volta os meninos somalis.

A adrenalina corria dos dois lados, e logo insultos vis em árabe contra as mães uns dos outros eram trocados junto com as pedras. Jama contribuiu com os poucos insultos hebraicos que conhecia, que aprendera com Abraham, um menino com quem costumava vender flores:

— *Ben Zona! Ben Kelev!*

Os meninos judeus tinham suor escorrendo das têmporas para os cachos e descendo pelas costas das túnicas. Jama e Shidane gargalhavam ao evitar as pedras afiadas, empurrando Abdi para fora do caminho quando uma era mirada nele. Ouvindo a comoção e as obscenidades, as matronas judias saíram nas sacadas para intimidar seus pestinhas. Foram ignoradas até que uma mulher pragmática foi para dentro e voltou com uma bacia grande, derramando metade da água suja nos intrusos somalis e despejando o resto nos Filhos de Israel que desrespeitavam o sabá. Todos os meninos fugiram; Jama, Shidane e Abdi correram juntos, passando por lojas de tecidos que fechavam para o sabá.

Abdi afanou um colete preto que estava pendurado em um prego e eles correram ainda mais rápido, o butim segurado no alto enquanto um homem forte, de barba, os perseguia.

— É sabá, você não deveria correr! — gritou Jama sobre o ombro, e Shidane e Abdi gargalharam com sua espirituosidade.

O homem bufou e ofegou atrás deles, mas por fim desistiu, xingando-os em hebraico.

— Você não deveria xingar no sabá também! — gritou Jama em despedida, enquanto saíam correndo da vizinhança.



Este livro foi composto com as famílias tipográficas  
Canvas Curly Sans para os títulos e Electra LT Std para os textos.  
Impresso para a Tordasilhas Livros em 2022.